

O espetáculo da fascistização

Marcelo Zero, sociólogo, DF 01/01/2018



Brasília está sitiada para a posse do presidente que defende a tortura e a ditadura.

Há um enorme aparato militar ostensivo distribuído em pontos estratégicos e de grande visibilidade. A Esplanada e a Praça dos Três Poderes, o coração da cidade, estão cercadas por tropas numerosas. A toda hora, helicópteros militares sobrevoam a cidade de Niemeyer e Lúcio Costa. Parece que estamos em guerra ou que há uma quartelada em andamento.

Alega-se que tudo isso seria necessário em nome da segurança do evento.

Trata-se, a meu ver, de alegação frágil.

No mundo civilizado, em países sujeitos a atos de terrorismo, há esquemas de segurança rígidos para eventos semelhantes. Mas, por motivos claros, eles são bem mais discretos e certamente menos militarizados.

Nos EUA, por exemplo, os agentes do Serviço Secreto, do FBI etc. atuam discretamente, misturando-se a convidados e público. Coloca-se ênfase em atividades de inteligência e na vigilância secreta, que são muito mais eficientes na prevenção a atentados que a presença ostensiva de militares uniformizados com tanques e mísseis. Por óbvio, patrulhamentos militares ostensivos são facilmente burláveis por terroristas minimamente eficazes.

Assim, parece-me que o esquema militar grandioso e caríssimo da posse de Bolsonaro tem duas outras funções principais:

- 1) Impedir eventuais manifestações contrárias ao presidente neofascista e, sobretudo,
- 2) Fazer a propaganda do novo regime autoritário.

O primeiro ponto é óbvio. O segundo, nem tanto.

Tanto o fascismo como o nazismo foram regimes que recorreram a espetáculos grandiosos para sua afirmação e legitimação.

O historiador Karl Dietrich Bracher argumenta que o sucesso da ideologia nazista não pode ser entendido sem a compreensão do papel central da propaganda. Tal propaganda criou um forte fenômeno psicorreligioso na população alemã. O líder passou a ser visto como uma espécie de representante do divino na Terra, um ser infalível, que pairava sobre todos.

Fundamental para a configuração de tal fenômeno foram as cerimônias cuidadosamente coreografadas e intensamente militarizadas, como os famosos *rallies* de Nuremberg, nos quais se comemorava o aniversário do partido nazista.

Nessas cerimônias, o aspecto militarista era central. Uniformes, estandartes e bandeiras desfilavam em rígida formação. O objetivo era projetar força e poder. Força e poder para intimidar os inimigos e força e poder para “empoderar” os membros da seita político-religiosa.

Dessa forma, o cidadão comum, humilhado e amedrontado pela recessão, a insegurança e a derrota na Primeira Guerra Mundial, sentia-se forte e protegido. Sua vida medíocre ganhava propósito e sentido.

E o propósito comum era defender os valores culturais e religiosos do “Ocidente” e os valores nacionais da Alemanha contra a ameaça maléfica, universalista e corrupta do bolchevismo e do judaísmo.

Qualquer semelhança com o bolsonarismo, sua mistura de fundamentalismo cristão e reacionarismo político, sua cruzada santa contra o “marxismo cultural” que ameaça o “Ocidente” e seu discurso fortemente autoritário, violento e militarizante não é mera coincidência.

Embora em épocas e circunstâncias muito diferentes, o bolsonarismo cumpre, no Brasil da crise, o mesmo papel psicopolítico que o nazismo desempenhou na República de Weimar. Ele proporciona, mediante a projeção de força, poder simbólico e propósito a uma legião de gente fragilizada e amedrontada, que busca no ódio a inimigos imaginários a sua redenção. Por isso mesmo, seu primeiro grande ato será distribuir armas aos “cidadãos de bem”.

Nesse sentido, a posse do “Mito”, nesse ambiente de militarização ostensiva, será um primeiro grande *rally* político do nosso fascismo. Uma espécie de Nuremberg em Brasília.

Não se trata, portanto, de segurança contra atentados. Pelo menos não no essencial. E não se trata, muito menos, de uma festa republicana, democrática, destinada a unir os brasileiros.

Ao contrário, trata-se de uma cerimônia para demarcar terreno simbólico e político. Uma cerimônia para dividir o Brasil entre aqueles que têm de ser banidos, presos ou “metralhados” e aqueles que, agora, dispõem da força e “legitimidade” necessárias para eliminar seus “inimigos”.

Por muito tempo, o Brasil e sua democracia desprezaram a ameaça do fascismo bolsonarista. Agora, talvez seja tarde demais. O *rally* político deste primeiro de janeiro poderá ser o primeiro de muitos.

Fonte:

<http://www.frentepelasoberania.com.br/politica/o-espetaculo-da-fascistizacao/>

